

EDITORIAL

Esse volume da *Memória em Rede* dedica-se ao tema museus e sociedade. Artigos e ensaios percorrem a multiplicidade de situações e ambivalências que caracterizam as relações entre os museus e seus locais de inserção política e cultural. Tradicionalmente, os museus representam o mundo como parte de uma ordem social planificada. Não é aleatório que uma palavra-chave na organização dos museus seja, exatamente, taxonomia. No mundo ideal dos museus, tudo deve ser medido, classificado e ordenado. Esse é o sonho, ou utopia, de um mundo de superfície plana e lisa, sem rugosidades ou saliências, onde tudo deve ser mensurado e rigidamente catalogado: ordenação no interior dos museus, da reserva técnica à exposição; ordenação da sociedade, rigidamente hierarquizada e cartografada, com grupos escalonados em classes, gêneros, “raças”. A manifestação mais evidente desse sonho é o museu imperial do século XIX. Como já ponderaram Tim Barringer e Tom Flyn (*Colonialism and Object: Empire, Material Culture and the Museum*, 1997), os museus do século XIX eram expressões espaciais e culturais da expansão dos impérios. É o museu cuja arquitetura, imponente, a tudo miniaturiza. Monumental, ele deve agigantar-se, elevar-se muito além das coleções e pessoas que representa. Nessa acepção, para muitos grupos, o sonho taxonômico dos museus parece, com efeito, um pesadelo distópico.

É verdade que a nova museologia subverteu, ou tentou fazê-lo, a herança dos museus oitocentistas. Mas, como mostram os artigos desse volume, não se pode afirmar categoricamente que nos libertamos inteiramente desse sonho museológico da ordem. Continua-se, não obstante as proposições da museologia social, a ver os museus como santuários de refinamento apolíneo, como o *datum zero* de missões civilizadoras. Espelhos de uma ordem cujos reflexos irradiar-se-iam por toda a sociedade. De outra parte, os artigos desse volume enfatizam, também, que a ideia de cultura como norma – isto é, o próprio fermento da utopia de uma sociedade ordenada, plenamente asséptica – vem cedendo espaço ao pluralismo. A cultura deixa de ser uma forma de energia, uma extensão extra-somática, como queria Leslie White, para tornar-se catalisadora de agenciamentos e redes sociais. Os museus, desse modo, abrem-se ao pluralismo, à diversidade cultural. Transformam-se em lócus da participação comunitária, acomodando múltiplos paradigmas e exibindo diálogos interculturais e traduções culturais.

Para dizê-lo de outro modo: autores e autoras dessa *Memória em Rede* mostram que o pluralismo não se limita à exposição e à proliferação de narrativas. Os agenciamentos e redes sociais interferem, ou tentam fazê-lo, na ordem dos museus.

Enlaçam a segmentação dos setores dos museus, ao ressaltarem que a separação artificial entre exposição e reserva técnica, programa educativo e pesquisa de campo, reflexão pedagógica e científica, reproduz dicotomias estranhas à crítica. Os museus, assim, são lugares de interação com as comunidades, as quais são entendidas como heterogêneas e perpassadas por interesses e conflitos. A produção de conhecimento nos museus implica, dessa forma, na disposição em aprender com o outro e de fazer o museu não para a comunidade, mas com ela.

Como nos seus volumes anteriores, essa *Memória em Rede* é composta não apenas por artigos. Ela traz, também, uma seção de ensaios escritos por estudantes de mestrado que, em alguns casos, assinam os textos com seus orientadores (as). Finalmente, estampamos duas conferências, que seriam proferidas no 7º Seminário Internacional de Memória Social e Patrimônio Cultural de 2013, evento que organizamos anualmente no nosso programa de pós-graduação. Ambas as conferências se coadunam com nosso volume temático. A primeira, de Serge Chaumier, versa sobre as tramas atuais entre museus e desenvolvimento sustentável. Por sua vez, Régine Robin envereda sobre as políticas de memória da Alemanha contemporânea, fracionada por banalizações e bifurcações: ao mesmo tempo em que celebram e musealizam eventos do passado, acionam diversas modalidades de esquecimento de acontecimentos recentes.

Lúcio Menezes Ferreira

Departamento de Antropologia e Arqueologia da UFPel

Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural

Bolsista de Produtividade do CNPq

Carolina Martins Etcheverry

Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural

Bolsista PNPDI-Capes

Ana María Sosa González

Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural

Bolsista PNPDI-Capes